

sito de aproveitar a descrição da viagem para pôr em relevo a acção do homem que a preparou e a fez triunfar; teve sem dúvida alguma o propósito de nos mostrar sob uma luz apologetica o que podemos chamar—«a lição de um homem».

Certamente, o autor do caderno concebeu que a descrição do esforço *individual* de Magalhães poderia servir como instrumento cultural para a apologia genérica do esforço individual, da acção individual do homem que tem a força de alma suficiente para reagir contra tudo e contra todos. O intuito cultural de *A primeira volta ao mundo* deve ter sido pôr em destaque a acção pessoal de um herói—de um homem que venceu as condições que lhe eram adversas e levou a sua idea ávante.

Pósto isto, pergunto: terá no nosso tempo, autêntico valor cultural, uma descrição da primeira volta ao mundo, em que a viagem aparece desligada do ambiente histórico concreto e em que o fulcro da descrição é a actuação do almirante que comandou os navios? Não teria a descrição da viagem muito maior valor cultural se integrasse os factos que descreve no seu ambiente próprio e se desse o relevo necessário á acção colectiva da marinagem e ás suas árduas condições de trabalho? Se assim acontecesse, o folheto, quanto a mim, teria muito maior utilidade, porque teria o valor cultural de habituar á *compreensão histórica*, de contribuir para a formação de uma consciência colectiva e de prestar justiça ao trabalho anónimo, em que assenta a vida da sociedade. Teria então um valor formativo não já *individualista*, mas *colectivo, social*. Fernão de Magalhães deixaria de exemplificar a «resistência moral» para ser integrado no seu verdadeiro papel: organizador astuto e am-

bicioso de uma grande empreza de fins nada científicos...

### BREVE HISTORIA DO LINHO

O caderno consagrado á história do linho apresenta-se, como o precedente, escrito com grande sobriedade e clareza e bastante illustrado.

Embora o assumpto não tenha um interesse muito grande, se o compararmos com outros que o têm maior,—não pode dizer-se que tenha sido idea infeliz publicar alguns elementos de informação sobre o linho, sua história e sua preparação e utilização nos dias de hoje, entre nós.

Gostosamente registro que o critério que presidiu á elaboração deste caderno me parece preferível ao adoptado em *A primeira volta ao mundo*. A-pesar-de não ser ainda totalmente satisfatório o método usado na exposição do assumpto, pois que se omitiram desenvolvidas referências ás actuaes condições de produção do linho entre nós,—não são tão chocantes as tendências de abstracção do concreto, de eliminação arbitraria de uma parte da realidade, patentes no caderno anterior. O Autor procura informar sobre as condições *técnicas* da preparação do linho, de modo a deixar-nos convencidos de que não foi o pitoresco o que mais o interessou. Todavia, abstrahiu,—quanto a mim indevidamente—das condições *sociaes* concretas da produção do linho. E' certo que essas condições *sociaes* de produção do linho pouco terão de diferentes das condições *sociaes* da produção rural tomada no seu conjunto. Mas, mesmo assim, parece-me que tratando-se de cadernos de *informação cultural* (o que, desde logo, impõe responsabilidades) e tratando-se de um problema económico (o que impõe responsabilidades especificas

de cuidadoso esclarecimento!) —o Autor devia ter procurado enquadrar os aspectos técnicos da produção do linho no quadro económico-social da produção rural na sua totalidade.

A-pesar-de esta restrição, devo dizer que o caderno traz interessantes elementos para a comprehensão do problema do linho em Portugal, expostos de maneira a poderem ser aproveitados e apreciados por todos os leitores. Transcrevo, de págs. 16-17: «Embora o nosso país tenha condições para ser um excelente produtor de linhaça, temos de importar muita do estrangeiro; não há estatísticas exactas, mas supõe-se que entrará o dobro do que se recolhe nas nossas culturas. De resto, acontece com o fio de linho cousa semelhante: a importação pesa na nossa balança commercial. Deve-se isto, em parte, a que há terrenos que estão utilizados noutras culturas pouco interessantes economicamente, quando seriam muito bons para sementeiras de linho; por outro lado, o nosso lavrador continua empregando os processos que a experiência lhe ensinou e que são muito inferiores aos que a técnica moderna aconselha; ninguém se dirige, como devia, aos laboratórios e estações experimentaes, para análises de terreno, adubação, ensaios da qualidade da filhaça, com a resistência á tracção e á torsão, facilidade de branqueamento, etc. Certo é também que se não oferecem aos lavradores todas as possibilidades que elles deveriam aproveitar.

O resultado é que a produção em filhaça anda no nosso país por uma quarta parte do que se colhe na mesma unidade—hectare—em outras regiões da Europa; e, ao passo que nos campos experimentaes de Mirandela se chegam a obter 2.000 quilos de linhaça,

o rendimento usual por hectare anda por 400 quilos». Qualquer leitor, por menos culto que seja e por menos reflexivamente que leia esta passagem, não deixará de concluir dela: a) que a falta de planificação das culturas traz como consequência a diminuição anti-económica da produção do linho; b) que os nossos lavradores continuam utilizando processos rotineiros, quando deviam poder utilizar os meios que faculta a técnica moderna.

A-pesar-de estas conclusões poderem ser tiradas por qualquer pessoa, parece-me que seria indispensável que o próprio autor as tornasse mais explicitas, e mostrasse ao mesmo tempo o que é legítimo esperar da planificação, como poderá a técnica moderna ser posta ao serviço do homem e por que sistema de organização agrícola se poderá dispor de crédito e restantes condições de exploração (propriedade da terra, etc.). Não abrindo janelas sobre estes problemas, arrisca-se o Autor da *Breve história do linho* a que o acusem de que attribuiu valor cultural em si mesmo ao conhecimento de certas particularidades da produção do linho, no passado e no presente. Ora, o Prof. Agostinho da Silva sabe tão bem como nós que a cultura é alguma coisa mais do que o conhecimento de princípios ou factos, *isolados do conjunto mais vasto e complexo em que se integram*.

Feitas estas considerações, que em nada affectam a iniciativa do Prof. Agostinho da Silva, que é merecedora da maior simpatia, resta-me desejar que os cadernos «Iniciação» encontrem da parte do público o acolhimento indispensável á sua existência.

RODRIGO SOARES

(Continuação da página sete)

suas mnotanhas»; do outro «a mão de nossa mãe Baía» e a dama Província de Minas Gerais.

Na segunda parte, o poeta e o amigo encontram-se já restituídos á «suspirada mão da nossa mãe Baía». Mas esbateram-se as imagens sedutoras com que, da fria e calma Suíça, a visionavam. Depois do alvorço da partida, a desilusão da chegada: «a mão de outra mãe» que falta e, ao choque com a realidade, a dor

da readaptação. Agora Afonso é um

«amigo morto,  
sepulto em terras ausentes»,

arrastado por um fatalismo pessimista que sobreveio no decurso do choque. O poeta passa a caminhar só para a reintegração na vida. E' esta a terceira parte do livro.

«A andorinha cantou 6 dia,  
Cristo nasceu na Baía.»

E o poema começa a saber á vida que já se não lamenta. O poeta, volta a sentir as co-

gitações da moça que adormece ante o luar do sertão, os cantos dos guerreiros indios, as endeiças dos cantadores, os idilios nos jardins e as creanças populares.

Há contudo no poema um certo desequilíbrio formal e alguma ausência de vibração lirica, bem comprehensível se atendermos ao horror de Ribeiro Couto pelas vibrações que se evidenciam á superficie, mas que o impede de acompanhar devidamente a mutação dos sentimentos através da obra. Assim é na monoto-

nha das poesias pessimistas da primeira e segunda parte que Ribeiro Couto melhor conseguiu a sua realização.

Allém disso, Ribeiro Couto não ultrapassa os limites dum subjectivismo que, se por vezes se nutre duma certa objectividade, fica reduzido a dar-nos o clima do temperamento do autor naquilo que elle tem de mais despreendido das vibrações *sociaes* da vida real.

MARIA HELIA DE CASTRO